

TIRANDO A MÁSCARA DO CUIDADO: BREVE INVESTIGAÇÃO SOBRE O IMPACTO DO TRABALHO REPRODUTIVO NOS VÍNCULOS AMOROSOS HETEROSSEXUAIS

LISIA LAWSON¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – lisialawson@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto consiste em um recorte do trabalho de conclusão de curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) desenvolvido a partir do Pulsional - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise. O intuito deste trabalho consiste em apresentar um recorte da pesquisa “Amor e renúncia de si: uma investigação psicanalítica sobre os possíveis impactos do trabalho reprodutivo nos vínculos amorosos heterossexuais” que se iniciou a partir de um desconforto com as disparidades de gênero nos relacionamentos amorosos. Trilharemos então o caminho de olhar com atenção para o desconforto que deu início à esta pesquisa, o desconforto relacionado ao exercício de “*dar tudo de si*” e não receber nada, ou quase nada “*de volta*” no âmbito amoroso. Com o intuito de dar materialidade e substância política para o amor, investigamos o desconforto gerado pela imposição de “qualidades consideradas femininas - tais como doçura, passividade, disponibilidade e prontidão para cuidar e pensar nos outros” (ZANELLO, 2022, p. 36) serem exigidas das mulheres nos vínculos amorosos. Nesse sentido, reconhecemos a importância de nomear os incômodos, por isso nomearemos - inicialmente - como cuidado o exercício o qual chamamos de “*dar tudo de si*”. O foco da pesquisa está justamente na análise do cuidado, enquanto exercício de subjugação, como um pilar que fundamenta os relacionamentos amorosos a partir de uma perspectiva de gênero¹, alicerçada nas teorias feministas. Pensaremos a partir do que as autoras Collins e Bilge (2021) trazem acerca da lógica do cuidado

longe de estar fundada em princípios ou regras predefinidas, é, boa parte das vezes, determinada pelo trabalho cotidiano realizado tradicionalmente pelas mulheres no âmbito privado, e que remete a uma miríade de gestos e afetos caracterizados pelo cuidado, a compreensão e a preocupação com os outros. (Collins; Bilge, 2021, p.13)

É precisamente no entrelaçamento entre o cuidado enquanto sinônimo deste trabalho cotidiano, através da imposição das tarefas domésticas, que pretendemos entender como isto influencia a construção dos vínculos amorosos heterossexuais, tendo em vista que, em uma sociedade patriarcal, as expectativas em torno do cuidado e do amor nem sempre se traduzem em reciprocidade, mas especialmente no desconforto relacionado ao “*dar tudo de si*” que deu início a esta pesquisa. Buscamos, em última análise, desvincular o cuidado da subjugação e controle, visando a construção de vínculos amorosos mais igualitários.

¹ Segundo Zanello (2020), “gênero” representa um conceito que implica a relação binária entre eu/outro, onde há necessariamente uma relação de poder em que, dadas as estruturas sociais de opressão - como o patriarcado -, os homens exercem um poder específico em relação às mulheres.

2. METODOLOGIA

A metodologia proposta para a pesquisa é uma revisão teórica baseada no método psicanalítico. Esse método valoriza a presença subjetiva do pesquisador e a interação transformadora entre o pesquisador e a teoria estudada (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006). Além disso, incorporamos à pesquisa discussões políticas e sociohistóricas, utilizando como articulador o conceito de rigor metodológico (HARAWAY, 2009) que implica no reconhecimento do lugar de onde se fala e, nesse caso, reconhecemos a existência de um padrão hegemônico branco, cisgênero, heterossexual e sem deficiência, que molda as formas de existência no mundo e se coloca como o centro. Entendemos que esse padrão ganha poder na medida em que se estabelece enquanto norma apontando para o outro apenas quando se difere, convencendo que os recortes das pesquisas são delimitados apenas quando não se encaixam dentro do padrão hegemônico. Neste sentido enfatizamos nesta pesquisa a importância de nos retirarmos do centro. Com isso, ressaltamos que todas as mulheres são atravessadas pelo cuidado enquanto exercício de subjugação e poder, entretanto de maneiras extremamente diferentes de acordo com seus marcadores sociais. Nos determos então à investigação de como este modelo branco, cisgênero, heterossexual e sem deficiência funciona como um ideal que se reproduz nas relações amorosas. Buscaremos compreender os efeitos do patriarcado nos modos de investimento dos vínculos amorosos heterossexuais a partir de uma perspectiva feminina, precisamente das mulheres cis brancas, sem deficiências.

Pesquisar com o método psicanalítico impõe a implicação subjetiva de quem pesquisa, especialmente porque enfatiza o reconhecimento do inconsciente e a singularidade da pesquisadora, permitindo interpretações que consideram as reverberações subjetivas do estudo. Isso sustenta a capacidade de transformação da pesquisa e possibilita interpretações igualmente transformadoras, fundamentadas na singularidade da pesquisadora (DOCKHORN, MACEDO, 2016). Nesse sentido, a título de exemplificação, traremos um trecho de um arquivo pessoal que diz respeito ao encontro com a temática deste projeto e ao interesse despertado.

Depois de muito me debater, hoje decidi que não quero escrever sobre o luto. Foi estranho perceber que o interesse no luto é justamente um sintoma do amor. Durante o grupo de pesquisa, a partir do texto da Simone Weil, discutimos sobre como, ao evitar o desconforto, evitamos que se gerem saídas. Ta aí... De alguma maneira, se torna mais fácil para mim pessoalizar o fim de uma relação e me atentar ao luto, ao invés de olhar para os marcadores que estruturam as relações amorosas que, algumas vezes, as levam a chegar ao fim.

É crucial destacar que, na pesquisa psicanalítica, estamos subjetivamente envolvidas com o conteúdo estudado para estabelecer uma relação transferencial na qual os conteúdos inconscientes se tornam presentes (DOCKHORN, MACEDO, 2016). Esse envolvimento permite a descoberta e criação a partir do objeto de estudo e assim a transformação da teoria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste ponto do trabalho, é crucial explicitar que consideramos o cuidado enquanto uma prática relacional intrinsecamente moldada pelas relações de

gênero, que, como sugerido por Zanello (2022), inevitavelmente envolve relações de poder. Para compreender como o cuidado foi incorporado socialmente em nossos relacionamentos, é importante observar a divisão sexual do trabalho, conforme explicado por Dorlin (2021), que destaca a divisão clara entre a esfera produtiva (atribuída aos homens) e a esfera reprodutiva (atribuída às mulheres). Essa divisão se manifesta não apenas no trabalho remunerado, mas também nas tarefas domésticas e no cuidado, frequentemente invisibilizando o trabalho das mulheres e o explorando.

A ideia de que as mulheres nascem destinadas a serem cuidadoras parece enraizada em nossa socialização, levando à suposição de que o cuidado é inerente ao gênero feminino (ZANELLO, 2018). No entanto, a história revela que essa capacidade de cuidar não é inata às mulheres, mas sim uma construção cuidadosa que nos aprisiona no papel de provedoras de cuidado. Aliadas à Federici (2022) podemos pensar que as mulheres são responsabilizadas por todo o trabalho reprodutivo para facilitar a dedicação exclusiva dos homens ao trabalho remunerado. Com a Revolução Industrial e o início do capitalismo, as mulheres brancas foram encarregadas do cuidado de seus filhos, à medida que as demandas econômicas aumentaram. Aqui, é importante frisar que nos referimos especificamente às mulheres brancas, pois a construção do cuidado se deu de maneiras extremamente diferentes para as mulheres negras, que desde muito antes eram responsáveis pelo cuidado para além da própria família (BENTO, 2022). Esse processo foi acompanhado pela criação da imagem da mãe devota, responsável pelo trabalho doméstico e pela reprodução da força de trabalho assalariada, imagem que alicerça o trabalho reprodutivo (FEDERICI, 2022).

Essa construção histórica do cuidado como uma característica inata das mulheres foi acompanhada pela associação entre cuidado e amor, esta característica escancara uma face cruel do modelo de produção capitalista que, para submeter as mulheres ao trabalho reprodutivo, o tornam sinônimo de cuidado e amor. Destacamos aqui que atribuir esse cuidado às mulheres não é apenas uma questão de escolha, mas sim uma imposição social (FEDERICI, 2022). Desta forma, ampliamos a discussão para o âmbito dos vínculos amorosos trazendo o conceito de Dispositivo Amoroso que implica no reconhecimento do amor enquanto um processo de subjetivação alicerçado no âmbito social a partir do qual as relações das mulheres consigo mesmas e com as idealizações estabelecidas em relação ao amor são alicerçadas na busca por serem escolhidas por um homem (ZANELLO, 2018). Este representa um ponto principal para esta pesquisa: se socialmente é esperado de nós características como a dedicação e disponibilidade integral ao outro na demonstração do amor, a busca idealizada por ser escolhida por um homem implica justamente em sermos escolhidas para sermos cuidadoras, ou melhor: trabalhadoras. Essa vinculação entre cuidado e amor impõe às mulheres a obrigação de sempre estarem cuidando para serem valorizadas. Nesse sentido, percebemos que a imposição histórica do trabalho reprodutivo às mulheres é coberta com a máscara do cuidado. O entrelaçamento entre cuidado e amor trazido anteriormente, na verdade diz respeito ao entrelaçamento entre trabalho reprodutivo e amor. Isto escancara uma violência social intrínseca aos relacionamentos, onde é exigido que as mulheres estejam, portanto, constantemente trabalhando.

4. CONCLUSÕES

Abordamos a interseção entre cuidado e trabalho reprodutivo nas relações amorosas heterossexuais, destacando a influência do patriarcado, do capitalismo e das normas sociais nesse contexto. Enfatizando a desigualdade de gênero, evidenciando como as mulheres são desproporcionalmente afetadas no sentido de serem cobradas constantemente para “*darem tudo de si*”.

Buscamos mostrar como a imposição do cuidado irrestrito dedicado ao outro nos condiciona a buscar a aprovação e o investimento desse outro, especialmente dos homens, como um objetivo de vida. Isso resulta em uma dinâmica desigual nas relações heterossexuais, em que as mulheres são frequentemente as investidoras constantes, enquanto os homens são os receptores do investimento. Essa dinâmica se entrelaça com a questão do trabalho reprodutivo, levando a uma confusão entre amor e trabalho. Portanto evidenciamos a íntima relação entre amor, cuidado e trabalho reprodutivo em nossa sociedade, visibilizando que o amor não deve ser confundido com sobrecarga de trabalho. A busca por uma compreensão mais nítida desses elementos é crucial para construir relações mais equitativas e promover uma visão menos hierárquica e subalternizada do amor, parafraseando Federici (2022) “Nós queremos chamar de trabalho o que é trabalho, para que, eventualmente, possamos redescobrir o que é amar” (p. 49).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, C. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DOCKHORN, C. N. B. F.; MACEDO, M. M. K. Estratégia Clínico-Interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, V. 31, n. 4, pág. 529–535, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/1806>>8. Acesso em: 23 Mar. 2023

COLLINS, Sirma Bilge; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades** - Introdução à teoria feminista. São Paulo: Crocodilo / Ubu Editora, 2021.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. 4. ed. São Paulo: Elefante Editora, 2022.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, pág. 257-278, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 Ago. 2023

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009

ZANELLO, V. **A prateleira do amor**. Curitiba: Appris Editora, 2022.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.